

Baile Charme: O Entretenimento como Produtor de Sentidos¹

Libny FREIRE²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O charme é um gênero musical popular na cidade do Rio de Janeiro, consumido através das festas, chamadas de bailes. O baile charme de Madureira, bairro carioca, ocorre há 24 anos e é o principal ponto de encontro dos consumidores do gênero. Considerando a música como entretenimento e utilizando como ferramenta metodológica a etnografia, buscamos discutir as relações construídas entre os frequentadores, denominados charmeiros, observando-as como uma manifestação da vida em sociedade, capazes de produzir sentidos, expressando emoções e promovendo sociabilidades, através da festa. Tudo comunica: a música, o corpo, as coreografias, o vestuário, os abraços e sorrisos dos que estão no centro dançando ou nas laterais espreitando.

Palavras-chave: Música; Entretenimento; Baile charme; Festa; Etnografia.

Apresentação

Nos EUA, nos anos 30 e 40, nasce o blues e o *rhythm and blues* - versão eletrificada do blues rural - que imitava o estilo de cantar, dançar e vestir do negro. O gênero chega ao Brasil, especificamente ao subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, nos anos 70, com bailes inspirados nos negros americanos e na sua luta pelos direitos civis. Em 1976 os bailes foram proibidos pela ditadura militar por reunirem grande quantidade de negros, e assim, levantarem a suspeita de ser um movimento social. (VIANNA, 1997).

A proibição dos *Bailes da pesada* - como eram chamados - iniciou um movimento cultural de afirmação da identidade negra chamado de *Black Rio* ou *bailes black*. O movimento tinha como característica principal o penteado *black power* e a música executada nos bailes era o R&B - *rhythm and blues*. É importante destacarmos que nem todos os frequentadores dos *bailes black* tinham consciência política ou defendiam questões sociais ou mesmo contra o racismo. *Os frequentadores dos bailes*

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação (PPgCOM/UERJ), jornalista e mestra em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN) na linha de pesquisa Estudos da Mídia e Produção de Sentido. Participa do Laboratório CAC – cidade, arte e cultura – e pesquisa, comunidade, representação social, cultura e música. Contato: libnyfreire@gmail.com.

da pesada eram jovens negros em sua maioria, mas também brancos, ambos provenientes tanto da classe média baixa, de precária formação escolar, como da classe média escolarizada (MILAGRES, 1997, p.9). Diversos artistas surgiram influenciados pela *soul music*, entre eles, Tim Maia, Cassiano e Sandra de Sá.

No fim dos anos 70, a disco *music* acabou com os *bailes black*, entretanto, a estrutura que temos hoje de realizar os bailes, com dj e equipe de som, deve-se à realização dos *bailes black*. Após um período, o movimento foi se enfraquecendo e, se desfez (MILAGRES, 1997), porém, os bailes continuaram sob a denominação de *bailes charme*, sendo realizados nos subúrbios cariocas, com grupos de dançarinos e campeonatos de equipes de danças coreografadas.

O termo *charme* foi criado nos anos 80, no Rio de Janeiro, para designar uma vertente do R&B contemporâneo³ executado por dj's em bailes do subúrbio, onde ao som do hip hop e soul, os frequentadores ensaiavam passos para as músicas. Durante um baile no *Clube Mackenzie*⁴, localizado no Méier, subúrbio carioca, Marco Aurélio Ferreira, o Dj Corello, observa a coreografia e elogia a dança realizada *com charme* pelo público.

No programa *Mais Você*⁵, Corello, dj há 35 anos, explica que o *passinho*, coreografia característica do *baile charme*, se iniciava a partir da mudança da música romântica - mais lenta - para a mais dançante, e que para avisar ao público dessa transição, dizia *Chegou a hora do charminho/Mexa seu corpo devagarinho*, cunhando assim o termo para esses bailes, onde os frequentadores passaram a ser denominados *charmeiros*. Quem consome o gênero, vai ao *charme*, dançar *charme* e ouvir *charme*.

Nascido da escola de samba *Pagodão de Madureira*, o *Baile Charme Madureira* se mantém há 24 anos. Realizado todos os sábados, embaixo do viaduto Negrão de Lima, tem como slogan *O maior e melhor baile charme e hip hop do Rio*⁶ e, quando o baile passou a ter apoio municipal, recebeu novo nome: *Espaço Cultural Rio Charme*, que se mantém até hoje. Em 2013, foi publicado no Diário oficial do município do Rio de Janeiro o decreto que cadastrou o baile charme como bem cultural da cidade. Um dos

³ Nascido no início de 1980 (EUA) refere-se aos estilos musicais influenciados pelo blues, gospel, jazz e soul. No Brasil surge como um gênero da *black music*, misturado à hip hop, funk e soul. Disponível em <http://louderthanmusic.blogspot.com.br/2011/02/rhythm-and-blues.html>. Acesso em 02 de abril de 2012.

⁴ Disponível em http://casaldelobos5.zip.net/arch2012-04-08_2012-04-14.html Acesso em 28 de abril de 2012.

⁵ Exibido pela Rede Globo em 27 de abril de 2012.

⁶ Disponível em <http://viadutodemadureira.com.br/blog/> Acesso em 02 de abril de 2012.

trechos afirma que considera o charme *uma genuína invenção carioca*. A nota oficial também destaca os locais de consumo da música charme: *O Baile Charme é cultuado, principalmente, na Zona Norte da cidade, seja em clubes, agremiações recreativas e espaços públicos como a área do Viaduto de Madureira*⁷.

Figura 1: Fachada do baile charme de Madureira.



Fonte: Libny Freire, 2014.

O baile charme de Madureira promove oficinas de dança gratuitas para os que desejam aprender a dançar charme, os espaços localizados embaixo do viaduto Negrão de Lima são ressignificados, tornando-se locais de ensino e aprendizado, como forma de reivindicação de um espaço sociocultural (HERSCHMANN, 1997). No lugar, onde funciona um estacionamento durante a semana, o evento se mantém financeiramente através da bilheteria e venda de bebidas durante o baile.

Etnografia: Teoria e experiência no campo

Para Geertz, o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano, embora deixe claro que não é somente na antropologia que essa busca é percebida,... *praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante*. (GEERTZ, 2012, p.4). Em nossa pesquisa, caracteristicamente etnográfica, propomos o diálogo com as pessoas que produzem, frequentam e visitam o baile charme que ocorre no bairro de Madureira, buscando compreender as representações sociais presentes nessa festa, buscando perceber o outro, não como objeto de pesquisa, mas como um interlocutor.

⁷ Disponível em <http://www.radaroficial.com.br/d/25493031>. Acesso em: 10 de jul. 2014.

... a pesquisa de campo explicita como objetivo científico: a aquisição de um conhecimento novo sobre a sociedade, o que vem acompanhado pela obtenção de um conhecimento novo do pesquisador sobre si mesmo. (CAVALCANTI, 2003, p. 118).

Para nossa pesquisa, em campo, utilizamos como técnica para coleta de dados, a observação participante, entendida como uma troca de impressões, um compartilhamento de ideias e significados. Compreendemos que o material resultante *... possibilita pensar não apenas realista e concretamente sobre eles, mas, o que é mais importante, criativa e imaginativamente com eles.* (GEERTZ, 2012, p. 17). Propomos, por isso, uma pesquisa etnográfica dialógica, que se caracteriza por estabelecer conversações⁸ com os sujeitos, no nosso caso, os frequentadores do baile charme. Buscamos compreender quais os sentidos produzidos pelos atores sociais, que compõem o ambiente cultural baile charme, a ponto de considerarem o consumo do gênero como uma forma de entretenimento. Algumas questões foram surgindo conforme adentramos no campo, como por exemplo, o que representa um charmeiro? Por que ir ao baile? Quais relações são estabelecidas no ambiente?

Em nossa visita⁹ ao baile charme, perguntamos, separadamente¹⁰ - dez entrevistados no total - se eram frequentadores e o porquê de virem ao baile. Nossa pergunta buscava entender como o baile era visto por determinadas pessoas, inclusive, se a noção de entretenimento estava presente e, que sentidos são produzidos a partir dessa noção.

Inúmeras foram as justificativas dadas pelos entrevistados: que vinham pela música; pela dança ; pela cordialidade que existia entre os charmeiros; porque não haviam drogas e nem brigas; era um *ambiente familiar*; porque era *a cara da Zona Norte*; porque era *impossível não fazer amizade no baile*; porque os charmeiros eram *estilosos e humildes*; vinham para paquerar os *pretinhos*, mas, a fala que costurava todas essas outras: o baile era para *se divertir*.

⁸ Usaremos questionário aberto e entrevista em profundidade, mantendo portanto, nossas conversas informais e com tempo de duração indeterminado.

⁹ Entrevista realizada em 02 de novembro de 2013.

¹⁰ Há uma variedade entre os entrevistados no que diz respeito ao sexo – feminino masculino – e classificação etária. A variação foi proposital.

A construção da sociabilidade no baile charme

Para compreendermos as narrativas que giram em torno do baile charme é preciso que lancemos um olhar sobre a cidade e o sujeito que habita a cidade, afinal, o evento ocorre em área urbana, denominada de subúrbio carioca, e conta, em média, com um público de 2 mil pessoas por baile, todos os sábados. Entendemos que *a cidade reflete a pluralidade da produção de sentidos*. (SIQUEIRA, 2012, p.52) e, são esses sentidos produzidos que buscamos investigar para entender as representações sociais no baile charme, tomando a cidade, especificamente o bairro de Madureira como produtor de sentidos.

Cidades, então, não são somente locais de mercado, de comércio, trocas monetárias, de arquiteturas e planejamentos urbanos; são espaço de culturas, espaços onde a cultura se exprime em corpos. A cidade se espraia para além de suas construções. (SIQUEIRA, 2012, p.54).

Esse sujeito, que circula na cidade, que também adquire experiências a partir desse ambiente, é, sobretudo, um ser comunitário, que se projeta no outro e depende do outro para se fazer sujeito. Esse sentimento de identificação de um indivíduo com outro que, na Modernidade se dava através de características fortemente racionais, com uma identidade fortemente delimitada, hoje, na contemporaneidade, se estabelece através do gosto, do estar junto, do sentimento de pertencimento (MAFFESOLI, 1988), no nosso caso, a identificação, o pertencimento àquelas práticas culturais do baile charme, também associadas ao gosto: o gosto pelo ambiente festa, pelo gênero musical, pela dança e pelo vestuário, pois *Distinguir-se e assemelhar-se corporalmente, em termos de gestos codificados e de indumentária passa a ser fundamental*. (SIQUEIRA, 2012, p.54), pela cordialidade, em suma, pelo entretenimento.

Tomamos o entretenimento como uma forma de lazer, pois... *os sentidos hoje atribuídos ao lazer no nível do senso comum são variados: descanso, folga, férias, repouso, desocupação, distração, passatempo, hobby, diversão, entretenimento, tempo livre*. (GOMES, PINTO, 2009, p.68 e 69). As falas dos entrevistados quando justificam ser o *divertimento* o motivo pelo qual vinham ao baile – *baile black* como alguns

continuam chamando - essa é a forma de lazer que eles apreendem, ao menos aos sábados à noite.

O entretenimento, é produzido/vivido sob várias formas, uma das mais perceptíveis, no baile, é a dança. O corpo é a peça chave para se comunicar no baile, pois *Como a cidade, o corpo é um espaço de cultura, um lugar de diferenciação, de separação, mas também de aproximação com o outro.* (SIQUEIRA, 2012, p.54). O corpo é usado para se fazer charmeiro juntos aos demais charmeiros, para ser parte daquele grupo. Simmel (2006) afirma que a sociabilidade é formada a partir do sentimento e satisfação do indivíduo em estar socializado, compartilhando interesses e necessidades específicos de um grupo.

Figura 2: Passinhos no baile.



Fonte: Libny Freire, 2014.

Essa sociabilidade associada ao entretenimento não pode ser tomada unicamente como algo vazio, sem propósito, *O divertimento, contudo, não é vazio de conteúdos simbólicos. O elemento lúdico nos produtos culturais é sempre envolvido por outros conteúdos: político, social, religioso, econômico.* (SIQUEIRA, 2008, p.34). Lembremos que os primeiros bailes onde o R&B era executado apoiavam o movimento *black*, inspirado nos EUA, buscando promover a valorização da cultura negra, tendo como lema *Black is beautiful*. Hoje em dia, no baile, não há uma narrativa de valorização da cultura negra, não com a promoção que havia no passado, não há uma utilização ideológica da música, embora entendamos que *...não existe entretenimento vazio de conteúdos, valores e ideias...*(SIQUEIRA, 2008, p.57). Obviamente o baile charme

possui diversos sentidos e que vão sendo ressignificados a cada edição da festa, contribuindo para a formação de imaginários e construção de novos sentidos na sociedade.

A emoção da festa

Em seu mais recente livro, o pesquisador Michel Maffesoli¹¹ trata o conceito do que ele chama de *Homo festivus*, que é o homem que valoriza o corpo, o prazer, um homem dono de si mesmo, que se constrói socialmente e, a partir dessas trocas sociais e está ligado ao outro através das práticas do grupo.

Para compreendermos o baile charme e o que o mantém por tantos anos, apesar da pequena – ou mesmo nula - veiculação midiática é preciso que pensemos no conceito de *festa* e quais as implicações. Por ser um ato que se faz em grupo, pois para haver festa é preciso que haja coletividade, a festa necessita de diversas características para ser considerada, digamos, uma festa. *É a densidade da festa - seu caráter de efervescência coletiva, de exaltação das paixões comuns [...] que a distinguem tanto do ritual quanto da simples diversão.* (PÉREZ, 2002, p.20).

Acreditamos que a intensidade da festa é medida pela sua dimensão, que irá resultar no nível de animação, de partilha de sentimentos, de experiências e de união do grupo social que participa, *a festa instaura e constitui um outro mundo, uma outra forma de experienciar a vida social, marcada pelo lúdico, pela exaltação de sentidos e das emoções..* (PÉREZ, 2002, p.19).

Entendemos que emoções não podem ser criadas – fluem no/do ser – mas, acreditamos que a expressão dessas emoções é uma construção social. A euforia a cada batida eletrônica executada pelo dj, a alegria do passo cadenciado em grupo, a identificação com o vestuário e a cordialidade expressas no ambiente, pois... *a afetividade permanece uma emanção característica de certo ambiente humano e de determinado universo social de valores.* (LE BRETON, 2009, p.113) são produtos dessa construção de emoções no ambiente da festa, no baile charme.

¹¹ MAFFESOLI, Michel. *Homo eroticus: Des Communions émotiionnelles*. Paris: CNRS Éditions, 2012.

Figura 3: Palco¹²



Fonte: Libny Freire, 2013.

Festa é se reconhecer no outro - é o charmeiro se vendo no outro charmeiro - é se construir como sujeito a partir dessas interações. *O sentimento instala a emoção no tempo, diluindo-a numa sucessão de momentos conexos: ele implica uma variação de intensidade que resta, entretanto, numa mesma linha de significado* (LE BRETON, 2009, p.113 e 114).

Esses significados resultantes da festa como entretenimento e da emoção que ela envolve, são responsáveis pela construção das representações sociais no baile charme, possibilitando novas formas de interações entre sujeitos e comunidades que, identificados com determinadas práticas, usos e costumes, acabam por desenvolver uma cultura daquela comunidade em que estão inseridos. Cultura aqui, entendida como um território onde se compartilham objetos, símbolos, rituais e costumes (CANCLINI, 2003).

Essas interações carregadas de sentido e de domínio dos *charmeiros*, são, acima de tudo, práticas culturais, pois consideramos que *para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza*(CERTEAU, 1995, p. 141).

¹² Geralmente, os bailes são comandados por dj's que se alternam durante toda a festa. Em edições especiais, como bailes de aniversários, bandas se apresentam no palco, montado com todos os instrumentos musicais.

Conclusão

O entretenimento, observado a partir da festa, possui diversos significados e, ao pensarmos o baile charme como entretenimento, buscamos investigar como os charmeiros, consumidores/adeptos do R&B veem o baile charme, o que os motiva a frequentá-lo e se dizerem charmeiros. Observamos, a partir das entrevistas, que o baile charme é considerado um espaço de alegria, segurança e cordialidade, mas, sobretudo de divertimento, ou seja, de entretenimento. Entendemos que, para que haja entretenimento, não é preciso que haja somente a música, mesmo que seja acompanhada da dança. Para que seja considerado entretenimento – ao menos para os charmeiros – é preciso que os frequentadores se sintam seguros (*ambiente familiar*) e que se reconheçam nos outros (*a cara da Zona Norte*). A partir dessa junção é que dança e música fazem sentido no baile charme.

Tudo comunica: a música, o corpo, as coreografias – os passinhos – o vestuário, os abraços e sorrisos dos que estão no centro dançando ou nas laterais espreitando. ... *o lazer precisa ter sentido para as pessoas que o usufruem.* (GOMES, 2010, p.21). Tudo significa e, também entretém: Tanto os de dentro como os de fora.

Em nossa pesquisa analisamos o entretenimento como uma manifestação da vida em sociedade, capaz de produzir sentidos, expressar emoções e desenvolver sociabilidades, inclusive através da festa. O entretenimento, sob forma de lazer, *Participa da complexa trama histórico-social que caracteriza a vida em sociedade, e é um dos fios tecidos na rede humana de significados, símbolos e significações.* (GOMES, PINTO, 2009, p.99).

Comprendermos o baile charme como uma expressão de cultura da comunidade de Madureira, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Cultura esta, construída a partir do entretenimento, revelado através da festa e das interações sob forma de sociabilidades, responsáveis pela construção e de significados, que vão sendo ressignificados a cada edição da festa.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, M. L. V. de C. Conhecer desconhecendo: a etnografia do espiritismo no Carnaval carioca. In: **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico.** Gilberto Velho e Karina Kuschnir (orgs.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CERTEAU, M. de. **A cultura no plural**. Trad. Enid Abreu Dobránsk. Campinas: Papirus, 1995.

DAYRELL, J. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

GARCIA CANCLINI, N. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOMES, C. **Lazer, turismo e inclusão social**: intervenção com idosos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

GOMES, C.; PINTO, L. O lazer no Brasil: Analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. In **Lazer na América Latina**. Tempo libre, ócio y recreación em Latinoamérica. GOMES, C.; OSORIO, E.; PINTO, L.; ELIZALDE, R. (orgs.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HERSCHMANN, Micael (org). **Abalando os anos 90 - Funk e hip hop**: globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LE BRETON, D.. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Trad. Luís Alberto Salton Peretti. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

MAFFESOLI, M. **O conhecimento comum**: compêndio de sociologia compreensiva. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MAFFESOLI, M. **Homo eroticus**: Des Communions émotionnelles. Paris: CNRS Éditions, 2012.

MILAGRES, A. L. **Demorou para abalar**: o funk como zona de contato entre classes sociais. Rio de Janeiro: Papéis avulsos, 1997.

PÉREZ, L. F. Antropologia das efervescências coletivas. In: **A festa na vida**: significado e imagens. Org. Mauro Passos / org. Mauro Passos. Petrópolis: Vozes, 2002.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SIQUEIRA, D. O. **Comunicação e ciência**: estudo de representações e outros pensamentos sobre mídia. Coleção Comenius. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008.



SIQUEIRA, D. O. **Juventudes e cidades no videoclipe:** o corpo como foco. Líbero - São Paulo – v.15, n.29, p.51-58, jun.de 2012.

VIANNA, H. **O mundo funk carioca.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

VIANNA, H. O movimento funk. In: **Abalando os anos 90 - Funk e hip hop:** globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.